



FRITZ NUNES

A primeira assembléia na UFSM após o 26º Congresso do ANDES

Divisor de águas

Na edição de fevereiro, a manchete do *Jornal da SEDUFSM* perguntou se o Congresso do ANDES seria “um divisor de águas?”. E, realmente foi. As deliberações, como a de vincular-se à Conlutas, colocam o Movimento Docente na oposição às principais políticas do governo Lula, por considerá-las neoliberais. Se junto ao Sindicato Docente, até 2005, estava-se junto com a CUT, a partir de 2007 a margem do rio é a de oposição a Lula e ao PT nos próximos quatro anos.

Na primeira assembléia realizada pela SEDUFSM após o 26º Congresso, no dia 8 de março, houve entendimento consensual de que é preciso aprofundar mais a discussão sobre o impacto da filiação do ANDES-SN à Coordenação Nacional de Lutas (Conlutas). O professor do departamento de Geociências da UFSM, Adriano Figueiró, defende uma divulgação entre a categoria sobre os objetivos e a forma de atuação da Coordenação. Para o presidente da SEDUFSM,

professor Diorge Konrad, realmente é necessário aprofundar a discussão sobre o tema.

O professor do Centro de Educação, ex-presidente da seção sindical dos docentes, Clovis Guterres, avalia que o ideal seria que a decisão tivesse sido tomada com mais maturidade, contudo, a partir de o fato estar vencido, é preciso compreender melhor a relação entre ANDES e Conlutas, que, segundo ele, não será de subordinação. Figueiró também compartilha da idéia de que não há subordinação. Segundo ele, há divergências entre os componentes da Coordenação, mas que isso deve ser tratado com “tranqüilidade”. O professor do departamento de Economia, Sérgio Prieb, acredita ser necessário enfrentar essa discussão sobre a decisão de ingressar na Conlutas, que é uma entidade que reúne diversas categorias de trabalhadores, sem-terra e até desempregados. Segundo ele, os docentes são trabalhadores como qualquer outra categoria, mas muitas vezes negam essa identidade.

O que é a Conlutas?

A Coordenação Nacional de Lutas (Conlutas), segundo informação constante na página eletrônica da entidade, “é uma coordenação composta por entidades sindicais, organizações populares, movimentos sociais, etc, que tem como objetivo organizar a luta contra as reformas neoliberais do governo Lula (Sindical/Trabalhista, Universitária, Tributária e Judiciária) e também contra o modelo econômico que este governo aplica no país, seguindo as diretrizes do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Foi constituída como desdobramento do Encontro Nacional Sindical, que aconteceu em março de 2004, em Luziânia (GO) e que reuniu mais de 1.800 dirigentes e ativistas sindicais e de movimentos sociais. Esse encontro definiu um calendário de lutas contra a reforma sindical, cuja primeira grande atividade foi a manifestação, organizada pela Conlutas, em Brasília, em 16 de junho, reunindo cerca de 20 mil manifestantes.

A Conlutas é uma coordenação aberta à participação de qualquer entidade, organização popular, estudantil ou movimento social, que queira somar-se à luta contra as reformas neoliberais e contra o modelo econômico de Lula/FMI. A participação ou não em centrais sindicais, não se constitui em restrição ou obstáculo à participação das entidades na Coordenação.

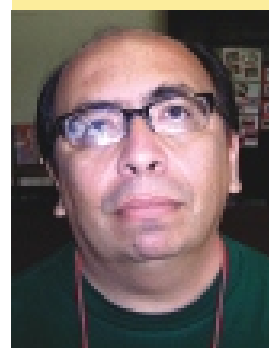
A Conlutas, no entanto, busca construir-se como uma alternativa para as lutas dos trabalhadores, frente à degeneração da Central Única dos Trabalhadores (CUT), que se transformou em uma entidade “chapa-branca”, preferindo apoiar o governo ao invés de defender os trabalhadores. Há, neste momento, um debate em curso nas entidades que compõem a coordenação para definir a natureza e a forma dessa alternativa que precisamos construir”. Em seu programa, a entidade refere a necessidade de fortalecer-se como pólo de aglutinação classista, congregando assim as forças que hoje se afastam da CUT e demais “centrais pelegas”.

(Mais informações sobre concepção de programa e estatuto, basta acessar ao endereço www.conlutas.org.br)



Zé Maria Almeida, que integra a direção da Conlutas

RAPHAELLA BICCA/APUPFR

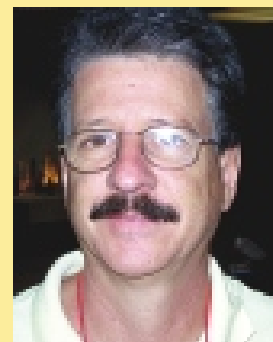


José Eudes Baima Bezerra, 45 anos, professor do departamento de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará.

“Eu penso que na continuidade do processo que se iniciou com a desfiliação da CUT e que agora se conclui com a filiação à Conlutas, se dá um passo adiante na separação entre o movimento docente e a esmagadora maioria do movimento dos trabalhadores. E, assim, en-

fraquecendo a luta unitária que nós precisamos fazer contra as medidas que nos últimos anos têm atacado os interesses dos trabalhadores e dos docentes, em particular. Penso que a filiação à Conlutas se reveste de um caráter extremamente negativo. Ainda mais por que ela dá uma senha para aqueles que querem dividir o próprio ANDES, no sentido de que esses setores dêem um passo na divisão das próprias seções sindicais. Então, me preocupa muitíssimo a situação, porque me parece que se reveste desse caráter de isolamento do ANDES em relação ao movimento operário. Inclusive, facilita o trabalho daqueles que querem levar à divisão do próprio ANDES. Eu não vejo aspectos positivos nessa filiação, para não falar no processo de discussão que foi extremamente débil. Apenas uma minoria ínfima foi envolvida e os aspectos todos referentes à filiação não foram aprofundados.”

Carlos Henrique Lemos Soares, 52 anos, professor do departamento de Bioquímica da Universidade Federal de Santa Catarina.



“Com certeza é positiva porque dá conseqüência a um processo que está estabelecido. Esse debate foi mal colocado em algumas vezes, mas não foi isso que predominou. Acho que o que predominou foi o entendimento de que parece que tem um processo em construção e nós estamos discutindo se vamos participar desse processo. Isso é um grande equívoco. Até porque nós estamos desde o primeiro momento e não somos coadjuvantes no processo de construção. Somos atores principais. Então, estamos nisso desde o primeiro momento e estamos discutindo como vamos continuar. E, não dá para continuar sem ser filiado. Seria um retrocesso dizer que estaríamos saindo. Até porque não teríamos condições de fazer isso. Ninguém propôs a saída, então, por coerência a isso, não há propostas de deixarmos de sermos os atores principais da Conlutas. Como se permanece dentro de uma entidade, de um movimento, de uma construção, mas se você assume o papel de coadjuvante. Eu nunca vi isso, não é tradição, não é história deste sindicato, que sempre foi o ator desse processo. E era o que nós vínhamos fazendo. Inclusive pesou na própria definição do destino da Conlutas. Nós temos um papel importante que com maturidade definimos. Não acredito em divisão, mas, na verdade, o que divide são aquelas pessoas que pensam que a CUT representa, que podemos conciliar, colocar a central, que é um braço articulado do governo como uma possibilidade. Isto sim, nos divide. Nos coloca numa contradição enorme.”

ELES DISSERAM

“Um ministro do evangelho não pede licença, nem desculpas, nem tem medo. Não pede licença ao governo nem pede desculpas, se o governo não gostar. E nem pode ter medo”.

(Dom José Ivo Lorscheiter, Folha de São Paulo, novembro de 2002)

“No PMDB, Lula procura atender a todas as forças. No PT, atende a uma só: o Campo Majoritário. Isso é incompreensível.” (Romênio Pereira, secretário de organização do PT, sobre o tratamento dispensado pelo presidente ao partido na reforma ministerial. Folha de São Paulo, 12 de março de 2007).